



EGITO ANTIGO: O FASCÍNIO COMO FERRAMENTA NA APRENDIZAGEM DO 6º e 7º ANOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Patrícia Cristiane Franco¹
Alana Gabrielli dos Santos²
Erich Monteiro Kruger³
Fabiane Amanda Rusch Treter⁴
Luana Schmalz Fabrin⁵
Sofia Adriana Rodrigues Zwick⁶

Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo

Relato de Experiência

Ciências Humanas e suas Tecnologias

1. Introdução

O trabalho aqui apresentado relata uma experiência didática realizada em uma turma multisseriada composta pelos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo, localizada no Distrito Esquina Reidman, interior do município de Ijuí/RS. Essa escola do campo atende majoritariamente estudantes da zona rural. Na turma em questão, estavam matriculados nove alunos: dois no 6º ano e sete no 7º ano. Ambas as turmas seguem o currículo regular da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com adaptações voltadas às especificidades do contexto rural e da realidade multisseriada.

Na disciplina de História, o 6º ano iniciou, no segundo trimestre, o estudo sobre o Egito Antigo, enquanto o 7º ano, já tendo trabalhado o tema no ano anterior, participou das atividades como forma de revisão, ampliando seus conhecimentos a partir da interação, colaboração e sociabilidade com os colegas mais novos.

¹ Professora de História da Educação Básica da Rede Estadual e particular de Ijuí - RS - patricia-franco@educar.rs.gov.br

² Aluna do 7º ano do Ensino Fundamental da E.E.E.F. Souza Lobo de Ijuí, allana-gdsantos@estudante.rs.gov.br.

³ Aluno do 6º ano do Ensino Fundamental da E.E.E.F. Souza Lobo de Ijuí, erich-mkruger@estudante.rs.gov.br.

⁴ Aluna do 7º ano do Ensino Fundamental da E.E.E.F. Souza Lobo de Ijuí, fabiane-artreter@estudante.rs.gov.br.

⁵ Aluna do 7º ano do Ensino Fundamental da E.E.E.F. Souza Lobo de Ijuí, luana-sfabrin@estudante.rs.gov.br

⁶ Aluna do 7º ano do Ensino Fundamental da E.E.E.F. Souza Lobo de Ijuí, sofia-arzwick@estudante.rs.gov.br.

O estudo do Egito Antigo é fundamental para a compreensão das primeiras civilizações e para a introdução de conceitos que acompanharão os estudantes ao longo da Educação Básica, como organização social, religião, economia, escrita e poder político. Esse conteúdo desperta grande interesse entre os alunos, em razão do fascínio cultural construído em torno das pirâmides, da mumificação, das divindades e da representação do Egito na mídia e no cinema. Essa motivação constitui, portanto, uma oportunidade pedagógica para desenvolver habilidades de leitura crítica da história, compreensão de diferentes culturas e respeito pela diversidade religiosa.

O objetivo principal da atividade foi aproximar os estudantes do processo histórico do Egito Antigo, promovendo a compreensão de seus aspectos sociais, culturais e religiosos por meio de atividades práticas e visuais, através de uma aprendizagem significativa, como também desenvolver o senso de coletividade (trabalho em equipe) e colaboração. Considerando que a Idade Antiga é um período distante do tempo presente e difícil de ser assimilado apenas pela narrativa histórica, buscou-se criar experiências concretas e palpáveis, como a simulação de um processo de mumificação com uma maçã, que permitiram aos alunos vivenciar de forma lúdica e investigativa, práticas características daquela civilização.

2. Procedimentos Metodológicos:

O trabalho aqui descrito teve início com uma aula expositiva sobre a civilização egípcia, destinada ao 6º ano do ensino fundamental. Durante a atividade, os alunos do 7º ano — que estavam presentes e já haviam estudado o tema no ano anterior — começaram a participar, trazendo novas contribuições e questionamentos. Esse diálogo interséris revelou o fascínio que o Egito Antigo desperta nos estudantes dessa faixa etária e abriu caminho para um trabalho coletivo entre as duas turmas. Percebendo a oportunidade de reforçar e aprofundar conceitos, optou-se por organizar um projeto prático.

Os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento do trabalho tiveram como objetivo central a transposição didática e a assimilação de conceitos. A transposição didática do conhecimento histórico busca possibilitar ao aluno não apenas o contato com informações, mas a participação ativa no processo de “fazer” e “construir” a História (SCHMIDT, 2023). Dessa forma, embora o estudante não vivencie o tempo passado, ele o reconstrói em seu presente de maneira palpável e inteligível, superando a visão de que a História é apenas uma narrativa abstrata.

Sendo assim definido, os alunos foram divididos em cinco grupos. Cada grupo ficou responsável pela produção de um material, resultando nos seguintes produtos: Maquete do Rio Nilo, representando sua localização e dinâmica; Diorama das Pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, símbolos históricos e culturais do Egito; Experimento de mumificação com maçã, simulando o processo de dissecação e conservação; Diorama de uma cena de mumificação, com tumba, sacerdotes, Anúbis e o Livro dos Mortos; Cartaz sobre hieróglifos, com produções próprias dos alunos, baseadas em símbolos.

No estudo do Rio Nilo, os alunos compreenderam como a geografia de uma região pode ser determinante para seu desenvolvimento econômico e cultural. Por meio da



construção da maquete, foi possível visualizar a importância das cheias do rio, o papel dos diques e o conceito de Alto e Baixo Egito. Essa atividade facilitou a assimilação de um conteúdo abstrato, tornando mais concreta a compreensão de como o Egito floresceu em pleno deserto, transformando-se em um grande império.

Outro grupo trabalhou com a representação das pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos. Para isso, construíram um diorama utilizando materiais recicláveis, como caixas de isopor, areia e pedras. A atividade, além de despertar o senso estético e criativo, exigiu uma pesquisa mais aprofundada sobre a arquitetura monumental egípcia e seu significado simbólico.

O tema da mumificação sempre desperta grande curiosidade. Para explorá-lo, os alunos realizaram leituras, incluindo trechos do Livro dos Mortos, e desenvolveram uma prática experimental com a dissecação de uma maçã, imersa em sal grosso e bicarbonato de sódio, em alusão ao natrão utilizado no Egito Antigo. O processo durou cerca de 40 dias e foi documentado em etapas, desde a retirada simbólica dos órgãos até o embrulho com tiras de papel toalha, que representavam as faixas de linho. Em seguida, construíram um pequeno sarcófago para abrigar a “múmia”.

Complementando essa experiência, outro grupo produziu um diorama representando uma cena ritual de mumificação, incluindo a presença de sacerdotes, da divindade Anúbis e de elementos simbólicos como o Livro dos Mortos.

A escrita egípcia foi trabalhada por meio de cartazes, nos quais os alunos criaram seus próprios hieróglifos para representar situações do cotidiano. O exercício os desafiou a pensar em símbolos visuais para expressar ideias, ampliando a compreensão sobre a lógica dessa forma de escrita, distinta do alfabeto fonético que utilizam hoje.

Todo o projeto foi realizado com materiais reaproveitados e recicláveis — como caixas de isopor, caixas de sapato e potes de sorvete —, além de materiais escolares comuns, como papéis, tintas e canetinhas. Essa escolha, além de tornar o trabalho mais acessível, reforçou a importância da sustentabilidade e da criatividade no processo de aprendizagem.

3. Resultados e Discussões

Os resultados alcançados com o desenvolvimento desse trabalho evidenciaram o potencial das metodologias ativas e do uso de recursos práticos e visuais no ensino de História. A construção das maquetes, dioramas, cartazes e experimentos, contribuiu para facilitar a aprendizagem por meio da visualização concreta, permitindo que os alunos compreendessem de forma mais clara e tangível os conteúdos trabalhados sobre o Egito Antigo.

Ao vivenciar o processo de criação e representação dos elementos da civilização egípcia, os estudantes não apenas memorizaram fatos, mas alcançaram uma aprendizagem significativa, conectando os conceitos teóricos à prática pedagógica. Esse movimento favoreceu a assimilação do conteúdo, de maneira mais duradoura e crítica, ultrapassando a lógica da simples repetição de informações.



Outro aspecto relevante foi o engajamento dos alunos durante todas as etapas do projeto. O interesse despertado pelo tema, aliado ao protagonismo dos estudantes na execução das atividades, resultou em maior participação, entusiasmo e motivação em sala de aula.

Além disso, a experiência possibilitou o exercício da coletividade e da colaboração, visto que cada grupo precisou dialogar, dividir tarefas, negociar ideias e unir esforços para a conclusão dos produtos finais. Nesse processo, os alunos desenvolveram competências socioemocionais, como responsabilidade, empatia e cooperação, que são fundamentais para a formação integral prevista pela BNCC.

Por fim, a experiência reforçou que, quando a aprendizagem é mediada por recursos criativos e pela participação ativa dos estudantes, torna-se mais envolvente, crítica e transformadora. O trabalho não apenas ampliou o conhecimento sobre o Egito Antigo, mas também fortaleceu o vínculo entre os alunos, a escola e o próprio processo educativo.

4. Conclusão

A experiência realizada com as turmas do 6º e 7º ano demonstrou que o ensino de História, quando associado a práticas criativas e participativas, torna-se mais acessível, significativo e prazeroso para os alunos. O uso de recursos como maquetes, dioramas, experimentos e cartazes não apenas facilitou a compreensão de conceitos complexos, como também despertou curiosidade, interesse e protagonismo nos estudantes.

Ao longo do processo, ficou evidente que a aprendizagem ultrapassou os limites da memorização, transformando-se em um exercício de construção coletiva de saberes. A colaboração entre os grupos reforçou valores de convivência, responsabilidade e respeito mútuo, ao mesmo tempo em que promoveu maior engajamento com o conteúdo.

Portanto, experiências como essa fortalecem o papel da escola como espaço de criação, interação e descoberta, reafirmando que a História pode (e deve) ser ensinada de maneira viva, contextualizada e próxima da realidade dos estudantes. Mais do que aprender sobre o Egito Antigo, os alunos aprenderam sobre a importância de trabalhar juntos, explorar a criatividade e valorizar o conhecimento como caminho de transformação.

5. Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano em sala de aula. In. BITTEENCOURT, Circe. *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 12º ed. São Paulo - SP: Contexto, 2023.

6. Leitura complementar

ANTUNES, Celso. *História e Didática*. 1º ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2019.

BITTEENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. 3º ed. São Paulo - SP: Cortez, 2009.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. 1º ed. São Paulo - SP: Contexto, 2018.